LEONARDO BOFF

Teólogo, filósofo e escritor

Inaguramos uma nova era geológica?

A Terra possui já 4,6 bilhões de anos. Conheceu várias eras geológicas, como como a mais devastadora, no premiano-triássico há 252 milhões de anos que dizimou 95% das espécies marinhas e 70% das terrestres; a arqueozoica, a paleozoica. a mesozoica, a cenozoica na qual há 1,8 milhão de anos surgiu nosso ancestral,o homo sapiens.Cada era introduziu grandes modificações no planeta.

Nos últimos tempos ocorreram tantas trasnformações que nos sugerem a inauguração de uma nova era.

O primeiro evento foi o lançamento de duas bombas atômicas sobre o Japão em 6 e 9 de agosto de 1945.Ele causou grande espanto e estupor na humanidade. Pois nos apropiamos de nossa própria destruição.Não necesitamos da intervenção divina, basta a humana, para produzir o armagedon.

O segundo evento é a mergênci da juventude em quase todas as cidades do Ocidente,sem que ninguém a convocasse,uma espécie de irrupção do Weltgeist na expressão de Hegel ou um novo "tempo do eixo"(Jaspers). Surge como um novo sujeito histórico.Expressava o cansaço deste tipo de mundo materialista e consumista,este modelo de democracia,controlada,geralmente,pelos poderosos.Está surgindo um novo tipo de consciência,em grande parte,pelos novos meios de comunicação digital.

O terceiro evento novo é a invenção da Inteligência Artificial (IA).Ela traz inegáveis benefícios. Mas a verdeiramente perigosa é a IA Autônoma que com seus bilhões e bilhões de algoritmos pode tomar decisões que não depentem mais da vontade humana. Ela pode se associar a outras plataformas e decidirem eliminar da face da Terra a espécie humana por vê-la como um empecilho à sua autoreprodução. Como foi possível termos delegado o nosso destino a uma IA fria,insensível, cruel e assassina?

Esses três eventos são de tal gravidade que põe em xeque a capacidade de controle humano. O que ocorreu em nossa história para chegarmos até a esse eventual suicídio involuntário?

Talvez essa possibilidade esteja inscrita em nosso próprio DNA. Antropólogos, psicólogos e neurocientistas nos deixaram claro que a nossa condição humana, assim como a conhecemos, é tomada por duas forças que Sigmund Freud considerava eternas: somos seres portadores de morte (thánatos) e simultaneamente seres portadores de vida (eros). Outros preferem outras formulações como a mais frequente em Edgar Morin: somos demens e simultaneamente sapiens, vale dizer somos marcados por tendências dementes e ao mesmo tempo por tendências inteligentes.A teologia cristã, desde suas origens, fala, em seu dialeto,que somos ao mesmo tempo justos e pecadores (simul iustus et peccator), até o mais perfeito e santo dos seres humanos.

Desafio humano é manter estes forças construtivas/destrutivas sob severo controle, de forma que predomine a dimensão inteligente/sapiens sobre a demens/mortal, sabendo que esta jamais pode ser eliminada mas mantida sob a regência do sapiens.

O ser humano é um ser complexo,impossível de ser encaixado em algumas categorias, Ele não tem corpo. Ele é corpo todo inteiro animado (não é um cadáver) como forma de estar presente no conjunto das relações neste mundo e no processo cosmogênico. Ele é totalmente mente, vale dizer um ser com interioridade, habitada por paixões, impulsos,sendo o maior, o desejo, arquétipos ancestrais que guardam a memória das experiências humanas, das mais felizes às mais trágicas. O grande desafio é manter esse universo interior em equilíbrio para levar uma vida integrada e minimamente satisfatória.

Ele é principalmente coração (cérebro límbico de mais de 200 milhões de anos) capaz de sentir, amar, mostrar empatia, viver a ética do bem viver e desenvolver a espiritualidade, o mundo das excelências.Este foi vastamente recalcado a pretexto de impedir a objetividade do saber científico.O que ganhou a exclusiva hegemonia, no conjunto das energias humanas, foi a razão. Pela razão decifram-se as leis da natureza,penetra-se nas estruturas mais ignotas da natureza, da genética e do mjndo atômico e subatômico. Soube transformar a razão como o grande instrumento de dominação,a razão intrumental-analítca, pela qual foi construído o mundo que habitamos marcado pela tecnologia.

O ser humanano também possui profundidade que é sua dimensão da espiritualidade e do espírito.Espírito é aquele momento da consciência pelo qual capta a totalidade do ser humanano corpo/mente, que o torna capaz de apreender o Todo. de si mesmo, do mundo e do universo.Ele torna-se sensível àquela Energia de Fundo, poderosa e amoros, que sustenta todos os seres.Ela se revela pela capacidade de amor, de solidariedade,de compaixão, de ternura, de admiração e de veneraçao face à "grandeur" do universo. Ambivalente como é, ele pode se expressar também pelo contrário destas virtudes e revelar-se malévolo e sem piedade.

Lanço a seguinte hipótese: foi a predominância exclusiva da razão instrumental analítica, desgarrada do coração, da ética e da espiritualidade, que criou o mundo ameaçador que habitamos. Ela foi usada a partir do século 17. na Europa como vontade de poder-dominação sobre a natureza, as classes. os povos, continentes inteiros como a África e a América Latina. Sua expressão hitórica é o capitalismo que coloca a exploração dos bens e serviços da natureza,sem qualquer respeito a seus ciclos, em função de um desenvolvimento ilimitado absurdo, num planeta limitado, Sua lógica interna irrefreável é a acumulação sem limites,marcada pela competição sem nenhum sentido de cooperação. Seu furor da enriquecimento à custa da natureza e da força de trabalho dos trabalhadores não conhece freios. Impondo-se limites, significa condenar-se a si mesma. Por isso segue sua forma de exploração cada vez mais sofisticada e indomável até o planeta Terra tornar-se inabitável para ele e para todos.

Penso que a invenção das plataformas de IA constitui a suprema expressão da vontade de poder e de acumulação à custa dos recursos naturais como água, terras raras, outros materiais estratégicos e a totalidade da natureza. Uma razão artificial fora da razão natural pode se constituir como a arma mais poderosa de nossa própria autodestruição.

Se não conseguirmos resgatar o coração para limitar e enriquecer a razão instrumental-analítica – razão e coração unidos – dificilmente evitaremos uma tragédia humana. Cremos que como a vida sobreviveu a 5 grandes dizimações em sua longa história, não será agora que ela sucumbirá a essa funesta ameaça de autoliquidação. Como acenava o grande biólogo Edward Wilson: a vida não é nem material,nem espiritual nem mortal. Ela passa por nós e segue. Pois a vida é eterna.

A nova era se chamará segundo o maior cosmólogo vivo Brian Swimme de a ERA ECOZÓICA. O centro ocupará o oikos (a Casa Comum,a Terra): todos convergindo e se encontrando como irmãos e irmãs junto com os demais irmãos e irmãs da natureza, num único lugar, na Mãe Terra. Então teremos ainda futuro.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre em Gestão e Políticas Públicas pela FGV.

Treinado para não sentir

Até hoje me lembro dos telefonemas da minha avó. Todas as noites, ela ligava lá em casa para saber se o filho mais velho tinha chegado vivo do trabalho. Meu pai era policial militar e, naquele tempo, subia morros, enfrentava tiroteios e corria riscos que eu ainda não sabia medir. Para minha avó, ouvir a voz dele ao telefone garantia mais uma noite de sono.

A Polícia Militar atravessa a história da minha família. Meu avô foi PM, meu pai também, hoje na reserva. Eu mesmo nasci no Hospital Central da Polícia Militar, no Estácio. Hoje, meu pai é a primeira pessoa com quem converso quando a PM aparece no noticiário. Mas nunca tínhamos falado sobre como os riscos e a violência do trabalho afetavam a saúde mental dele.

Nesta semana, perguntei. Ele me contou que, na época dele, o policial era "treinado para não sentir". Tinha de agir sempre com a razão, ser técnico, não se envolver. Só que isso não é possível quando se vê um colega morrer à sua frente. E o policial aprendia a não admitir o que sentia, porque sentir era visto como fraqueza. Se alguém perguntasse se estava abalado, a resposta tinha de ser não.

Esse silêncio também chegava em casa. Nenhum policial se senta à mesa do jantar para contar à família as cenas que viu em uma operação. Guarda tudo para si. Meu pai é um homem essencialmente sensível, mas, assim como tantos colegas, passou anos sem deixar escapar qualquer sinal.

Pouco antes de ir para a reserva, há cerca de vinte anos, observou alguns tremores e uma ansiedade além do que considerava normal. Procurou o psiquiatra da própria corporação. Foi diagnosticado com fobia social e afastado das ruas por um período. No português claro, entrou de licença médica.

A minha avó tinha medo de que ele não voltasse. Mas o risco da profissão não é só o tiro. Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2026, no ano anterior foram registrados 110 suicídios de policiais civis e militares no país, contra 29 mortes em confronto durante o serviço. São quase quatro vezes mais. A comparação mostra o quanto a preocupação com a vida desses profissionais precisa ir além das operações.

O próprio governo do Rio reconheceu, em relatório enviado ao Conselho Nacional do Ministério Público em outubro de 2025, que faltavam psiquiatras na rede da PM. O documento também apontou poucos encaminhamentos e afastamentos formais depois de ocorrências críticas, tanto na Polícia Militar quanto na Civil. Isso, segundo o relatório, poderia indicar falhas nos registros, no acompanhamento ou uma cultura que dificulta a busca por cuidado.

Não basta haver atendimento se o policial tiver medo de procurá-lo. O que vão pensar os colegas? Como o superior vai reagir? O que acontece com a arma, com o trabalho na rua, com a carreira? Essas perguntas precisam de respostas claras. Enquanto pedir ajuda parecer punição, muitos vão continuar dizendo que está tudo bem. Admitir que não está bem não diminui a coragem de ninguém, não apaga uma trajetória nem torna o policial menos digno de respeito.

Afastar alguém das ruas ou restringir o acesso à arma pode fazer parte do cuidado. Mas o policial precisa entender a decisão e ter sua privacidade respeitada durante o tratamento. Depois de uma ocorrência especialmente difícil, a corporação deve oferecer acompanhamento, sem esperar que ele peça ajuda. Quem está à frente de uma equipe precisa saber como encaminhá-lo.

Se faltam psiquiatras, cabe ao governo contratar mais profissionais para atender os policiais. E quem vai para a reserva também precisa encontrar apoio: o fim do serviço não apaga o que foi vivido durante décadas.

Nada disso significa ignorar problemas da atuação policial. A defesa dos direitos humanos vale para os moradores de comunidades e vale para quem veste a farda. Um policial bem cuidado trabalha melhor, vive melhor e protege melhor. Cuidar dele também é política de segurança pública.

Meu pai foi treinado para não sentir. Sentiu mesmo assim, como qualquer pessoa sentiria. A Polícia Militar exige que seus profissionais estejam preparados para enfrentar a violência. Precisa estar igualmente preparada para cuidar de cada um de seus combatentes.